



## Escola de Ciências Sociais

**DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO**

**Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário**

Joana de Sousa Santos

---

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
realizada na Escola Secundária André de Gouveia  
em Évora

(Outubro 2009-Junho 2010)

**Orientador:** Professor Doutor João Tiago Pedroso de Lima.

2009/2010

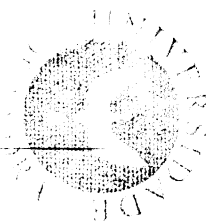


## Escola de Ciências Sociais

**DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO**

**Mestrado em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário**

Joana de Sousa Santos



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
realizada na Escola Secundária André de Gouveia  
em Évora

185786

(Outubro 2009-Junho 2010)

**Orientador:** Professor Doutor João Tiago Pedroso de Lima.

2009/2010

*Ao Luís Duarte Micaelo*

## AGRADECIMENTOS

Aos *meus pais*, por todo o apoio.

Ao *Professor Doutor João Tiago Pedroso de Lima*, meu orientador científico e pedagógico, pela sua dedicação, apoio e o muito que me ensinou.

À *Dr.ª Isabel Agostinho*, orientadora cooperante, pela confiança, apoio incondicional e amizade.

À *Escola Secundária André de Gouveia*, por me ter recebido de braços abertos.

Aos *alunos e alunas da turma 10.º CT1*, pela sua incessante colaboração, carinho e amizade.

Aos meus amigos *Stéphanie Lopes e Jaime de Carvalho*, pela amizade, apoio e companheirismo.

# ÍNDICE

RESUMO.....	1
ABSTRACT.....	1
INTRODUÇÃO.....	2
I.- PORQUÊ ENSINAR FILOSOFIA? .....	3
II - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA .....	9
1.Contextualização	
1.1. Caracterização da escola .....	9
1.2. Caracterização da turma.....	11
2. Dimensão científica e pedagógica	
2.1. Preparação científica.....	14
2.2. Observação.....	16
2.3. Planificação de Unidades Didáticas e Planos de aula .....	17
2.4. Condução de aulas.....	19
2.5. Avaliação das aprendizagens.....	20
3. Participação na Escola.....	22
III – REFLEXÃO SOBRE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	27
CONCLUSÃO.....	30
BIBLIOGRAFIA.....	31
ANEXOS.....	32

# Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola Secundária André de Gouveia em Évora

(Outubro 2009-Junho 2010)

## RESUMO

O presente relatório tem por objectivo principal efectuar um balanço crítico da nossa experiência em *Prática de Ensino Supervisionada (PES)*, realizada entre Outubro de 2009 e Junho de 2010 na Escola Secundária André de Gouveia, no âmbito do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário da Universidade de Évora.

Divide-se em três partes fundamentais. Na primeira parte é apresentada a resposta à questão, “Porquê ensinar Filosofia?”. Posteriormente é feita uma descrição pormenorizada dos diferentes aspectos da nossa Prática de Ensino Supervisionada e na terceira e última parte realizamos uma breve reflexão sobre essa mesma prática.

Report by Practice of Supervised Teaching developed at André de Gouveia

High School- Évora

(October 2009- June 2010)

## ABSTRACT

The main objective of this report is to make a general critic of our experience in *Prática de Ensino Supervisionada (PES)*, developed between October 2009 and June 2010 at André de Gouveia High School, related to the Master's Degree in High School Philosophy Teaching from the University of Évora.

It has three fundamental parts. The answer to the question "Why teaching Philosophy?" is answered in the first part. Further down, a detailed description of the different aspects of our Practice of Supervised Teaching is made and in the third and last part a brief reflection about that same teaching practice is presented.

# INTRODUÇÃO

*“ No matter. Try again. Fail again. Fail better ”.*  
Samuel Beckett

O presente relatório tem por objectivo principal efectuar um balanço crítico da nossa experiência em *Prática de Ensino Supervisionada (PES)*, realizada entre Outubro de 2009 e Junho de 2010 na Escola Secundária André de Gouveia, no âmbito do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário da Universidade de Évora.

O Núcleo de PES da Escola Secundária André de Gouveia em Évora foi constituído ainda pela colega Stéphanie Lopes, pela Orientadora Cooperante, a Dr.ª Isabel Agostinho e pelo Coordenador de PES de Filosofia da Universidade de Évora, o Professor Doutor João Tiago Pedroso de Lima.

No primeiro capítulo deste relatório, procuraremos responder fundamentalmente à seguinte questão: *porquê ensinar Filosofia?* Neste problema primordial radicam uma série de outras perguntas que também não queremos evitar: Qual a importância da Filosofia e Do seu ensino, designadamente no Ensino Secundário? E, de que modo se podem operacionalizar as *Finalidades do Programa de Filosofia dos 10.º e 11.º Anos* numa turma de uma Escola Secundária de Évora?

Após uma breve contextualização da nossa Prática de Ensino Supervisionada, daremos notícia dos aspectos mais significativos deste percurso que, vamos afirmá-lo desde já, se veio a revelar extremamente importante na nossa formação profissional e sobretudo pessoal. Posteriormente, apresentaremos uma breve reflexão sobre este mesmo percurso, procurando evidenciar as principais dificuldades com que nos deparámos, bem como as estratégias que utilizámos para a sua superação. Deste modo, visamos sinalizar as dimensões que, do nosso ponto de vista, devem vir a ser melhoradas ao longo da nossa prática profissional futura.

Embora seja impossível esgotar no espaço de um relatório toda a riqueza que caracterizou esta *aventura* que foi a *PES*, fica aqui um retrato que pensamos ser o mais objectivo possível desta experiência que em nós despertou novas perspectivas de desenvolvimento profissional e pessoal.

# I. PORQUÊ ENSINAR FILOSOFIA?

*“ A noção de educação remete, desde logo, para as concepções últimas do Homem, do Mundo e da Vida, para a questão dos fins e dos meios, para a floresta embrenhada das implicações da natureza na cultura e da cultura na natureza ”!*

Manuel Antunes

O Estado Português, através do Ministério da Educação, determina ou pelo menos pressupõe que, no sistema de ensino público, só pode ensinar Filosofia aquele que possuir habilitação própria, ou seja, aquele que possuir uma licenciatura em Filosofia. O que é que significa possuir uma licenciatura em Filosofia?

Licenciado é aquele que tem licença ou permissão. Mas será licença para fazer o quê? Antes de mais, licença para continuar de um modo autónomo a sua formação.

A licenciatura em Filosofia permite o acesso à carreira docente, mas não garante por si só a entrada nessa carreira. Para além de uma habilitação própria, exige-se que o docente de Filosofia tenha uma formação específica para o ensino da disciplina. Assim sendo, possuir uma licenciatura em Filosofia não significa necessariamente que se tenha licença para ensinar, do ponto de vista legal e de acordo com as imposições legais emanadas do Ministério da Educação.

E, se tivermos uma formação específica na área do ensino da Filosofia, significa que estamos *prontos* para ensinar Filosofia?

De facto, é necessário primeiro aprender para que se possa ensinar. Pressupõe-se que quem *queira ensinar* detenha algum saber para partilhar com quem *queira aprender*. Mas a ideia de posse e transmissão de saber não se coaduna com a ideia de ensino/aprendizagem que temos da disciplina de Filosofia. O ensino que esta disciplina exige não se traduz na simples transmissão de um saber mais ou menos eclético.

Kant escreve: “Em todas as ciências racionais só é possível, aprender a matemática, nunca a filosofia (a não ser historicamente); apenas se pode, no máximo, aprender a filosofar.”<sup>2</sup>

A referência a esta máxima de Kant é feita por muitos autores, para justificar que não se ensina Filosofia no sentido de transmitir, instruir ou adestrar, *ensina-se* a filosofar. Um dos principais objectivos do seu ensino é que cada estudante desenvolva a

---

<sup>1</sup> ANTUNES, Manuel, *Educação e Sociedade*, Livraria Sampedro, Lisboa, 1973, p.35

<sup>2</sup> KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura* (trad.) de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Morujão. 5.ª Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2001. (A 837- B 865).



capacidade de *pensar por si próprio* e seja capaz de fazer uso da própria razão. A Filosofia não se ensina nem se aprende como se de um compêndio de ideias fechadas se tratasse.

Compreendendo a afirmação de Kant no contexto da sua *Crítica da Razão Pura*, percebemos que a máxima referida significa, antes de mais, que a Filosofia não se aprende mas também não se ensina. A Filosofia não é um saber completo que se detém e se possa ensinar esperando que alguém aprenda. Para Kant, a Filosofia como um sistema de conhecimentos filosóficos é ainda uma “ideia” a realizar, ninguém está verdadeiramente na posse dela. Portanto, o ensino da Filosofia implica, pela especificidade da disciplina, que o docente tenha uma formação contínua, rejeitando assim, a ideia de que após uma licenciatura em Filosofia e com uma formação específica na área do seu ensino, alguém se encontre pronto para ensinar Filosofia.

Ao compreender que o ensino da Filosofia não se caracteriza por um conjunto de saberes que se transmite, porque atendendo à sua especificidade, a Filosofia não é um saber que se detém, compreendemos que a possibilidade de um ensino da Filosofia é ainda uma questão a tratar.

Quando um tema se converte numa questão a tratar – a possibilidade do ensino da Filosofia – significa que há argumentos a favor e contra, isto é, que não é uma questão de resposta simples, antes exige uma cuidada reflexão.

Não nos escusamos à reflexão exigida e optamos pela possibilidade do ensino da Filosofia. Esta nossa afirmação pode parecer trivial se observarmos que o ensino da Filosofia é uma prática efectiva, em vários países, há séculos e que faz parte do actual currículo do Ensino Secundário português. Contudo ainda persistem dúvidas acerca do seu objecto e o modo de ensinar Filosofia, (o que ensinar e como fazê-lo), ou seja, tendo em conta a especificidade da disciplina, a possibilidade do seu ensino.

Em todas as disciplinas quando o tema é o seu ensino, surgem duas questões fundamentais: *o que ensinar?* (o seu objecto) e *como fazê-lo?* (o seu método). Em Filosofia não é diferente.

Também a Filosofia reflecte sobre a sua pedagogia e a sua didáctica, mas, ao contrário das outras disciplinas, em Filosofia estas questões são mais complexas. A sua complexidade deve-se, antes de mais, à natureza do seu objecto, se “o que é a Filosofia?” é já um problema, como se pode pensar que o seu ensino é um problema menos complexo?

“O que é a Filosofia?” sempre foi uma questão problemática ao longo de toda a sua história, sempre se constituiu como uma questão filosófica fundamental; neste relatório, pretendemos defender que também a questão do seu ensino é uma questão filosófica fundamental. E é assim por duas razões: primeiro, porque dada a sua especificidade não é possível pensar uma didáctica da Filosofia que não se fundamente na própria Filosofia; segundo, porque sendo a Filosofia uma actividade intelectual que reflecte sobre fundamento de todos os seus conhecimentos e saberes, a questão do seu ensino (a sua pedagogia e didáctica) tem de ter o mesmo tratamento.

Enquanto futuros docentes da disciplina de Filosofia e compreendendo que o seu ensino se apresenta como um tema que exige tratamento, surge a natural questão: Porquê ensinar Filosofia?

Como ensinar o que não *sabemos* integralmente? Porque é que se propõe ao ensino, o licenciado em Filosofia, quando a sua tarefa é continuar a estudar? Estaremos, alguma vez, completamente *prontos* para ensinar Filosofia?

Formulamos a nossa resposta da seguinte maneira: queremos ensinar Filosofia porque queremos continuar a aprender. O acto de ensinar não pode excluir a possibilidade de continuarmos a nossa formação. Por isso, consideramos que o ensino da Filosofia não é um momento segundo, face à elaboração pessoal e reflexiva, não é um momento secundário que se constitui à parte do trabalho filosófico efectivo de quem à Filosofia se dedica. Pelo contrário, o ensino da Filosofia é visto por nós como constitutivo da própria Filosofia, tido como um processo específico da produção e comunicação filosófica.

E mais, queremos ensinar Filosofia porque consideramos a sua importância na formação dos jovens que com ela tomam o primeiro contacto.

Recorrendo à afirmação kantiana, optamos pela possibilidade do ensino da Filosofia e defendemos que o ensino que pretendemos praticar não vai no sentido da mera transmissão de conhecimentos e conteúdos filosóficos, pois este tipo de ensino só pode contribuir para o ensino de uma Filosofia inautêntica.

Com a prática deste tipo de ensino, uma Filosofia que outrora fora autêntica, aos poucos, transforma-se num amontoado de ideias complexas e pensamentos ociosos, de resto nada aliciantes para os jovens de hoje, e que em nada faz justiça a toda uma tradição filosófica milenar. A prática de ensino que pretendemos desenvolver baseia-se na ideia kantiana de que a Filosofia não se ensina nem se aprende apenas se ensina ou se aprende a filosofar.

Platão diz-nos que a origem da Filosofia é o espanto<sup>3</sup>. É este espanto inicial que leva o Homem a querer conhecer, Aristóteles diz-nos que esse desejo faz parte da natureza humana<sup>4</sup>. Ambos procuram assim justificar a origem da actividade filosófica. Se as questões filosóficas têm origem no espanto farão sempre parte da vida dos seres humanos, por outro lado, se o nosso desejo de conhecer é natural, então não podemos evitar a procura do conhecimento.

Este pensamento pode talvez justificar porque ainda existe Filosofia se acreditarmos que é intrínseca ao ser humano. Se entendermos que a Filosofia busca, incessantemente, respostas para as questões acerca da natureza humana, acerca do mundo, das relações entre os seres humanos e o mundo, compreendemos que a sua pedagogia é de si indissociável, pois esta busca não é apenas a busca de quem ensina, mas a busca de cada ser humano enquanto indivíduo. Conhecer-se, conhecer o Mundo e compreender como melhor se relacionar com o Mundo e com os demais seres humanos é um desejo comum a todos os seres humanos.

Estas questões não são colocadas momentaneamente ou ao acaso, são questões vitais com carácter contínuo. As aulas de Filosofia são o lugar por excelência da colocação destas questões, da sua correcta formulação e conseqüente reflexão. Se é verdade que estas questões são intrínsecas ao ser humano, cabe ao professor de Filosofia proporcionar que os seus alunos as formulem abertamente, que sejam capazes de “trazer à luz”, numa acepção platónica, as suas questões e as suas possíveis respostas. Mais do que traçar um caminho para que o aluno possa percorrer o ensino da Filosofia deve proporcionar aos alunos a possibilidade de eles próprios trilharem o seu caminho.

Assim sendo, os professores são os proporcionadores de um ambiente de reflexão, os que colocam as questões que já lá estão, um pouco como a reminiscência do escravo no diálogo de Platão *Ménon*, o conhecimento, a predisposição para o conhecimento, o querer saber o que somos, já existe dentro de cada um nós, cabe ao professor de Filosofia criar as condições necessárias para que esse conhecimento venha à luz.

---

<sup>3</sup> PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005. (155 d). Platão afirma que “é verdadeiramente de um filósofo esta paixão – o espanto; pois não há outra origem imperante da Filosofia que este”.

<sup>4</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica*, Livro I. Tradução de José Ferreira Borges. Areal Editores, Lisboa, 2005. (980a ), Aristóteles afirma que “Todos os homens por natureza desejam saber”.

O estudo da Filosofia é um caminho que se faz no sentido de conhecer as nossas possibilidades como ser humano e as nossas potencialidades como indivíduo. Se a Filosofia é um viver lúcido, se, através dela, o Homem se descobre e se posiciona sobre o Outro e sobre o Mundo, então todo o projecto educativo da Filosofia se reveste de utilidade ao contribuir para a formação do homem na sua Humanidade.

Por acreditarmos ser este o principal objectivo do ensino da Filosofia, acreditamos que a presença desta disciplina no ensino secundário é de extrema importância.

Após colocar a questão do *porquê* do ensino da Filosofia, perguntamos agora: *como fazê-lo?* Em que consiste o ensino de Filosofia?

A UNESCO enquanto organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura evidencia, um seu conhecido relatório<sup>5</sup>, a importância da disciplina de Filosofia no cumprimento de um dos principais pilares da educação, a saber, *aprender a viver juntos*. Diz-nos o referido Relatório que a Filosofia é fundamental na educação dos jovens ao contribuir para que estes aprendam a viver em sociedade. O estudo da disciplina permite-lhes desenvolver a sua compreensão do Outro, respeitando os valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Consideramos, porém, que a utilidade da disciplina de Filosofia para a educação dos jovens não se reduz a esta contribuição. *Aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser* (os outros 3 pilares da educação referidos no Relatório) são, no fundo, *reconhecer-se*. Cada indivíduo deverá conhecer-se a si mesmo, deverá saber quem é, para fazer de si quem é, tal como ordenou o verso de Píndaro: *Homem sê o que és, sê quem és*.

Em Portugal, quem se propõe a leccionar a disciplina de Filosofia no ensino secundário, encontra uma possível resposta a estas perguntas se atentar nas *Finalidades do Programa de Filosofia 10.º e 11.º anos*<sup>6</sup>. O trabalho que realizámos na PES reflecte

---

<sup>5</sup> Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors. O Relatório está publicado em forma de livro com o título *Educação - Um Tesouro a Descobrir*. Asa. Porto. 1996

<sup>6</sup> “Proporcionar instrumentos necessários para o exercício pessoal da razão, contribuindo para a compreensão do carácter limitado e provisório dos nossos saberes e do valor da formação como um continuum da vida, proporcionar situações para a formulação de um projecto de vida próprio, pessoal, cívico e profissional, proporcionar oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de um pensamento ético-político crítico, responsável e socialmente comprometido, proporcionar meios adequados ao desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e estética, e proporcionar mediações conducentes a uma tomada de posição sobre o sentido da existência”.

In *Programa de Filosofia 10º e 11º anos*, Lisboa, homologado em 2001.  
[[http://www.dgicd.minedu.pt/programs/prog\\_hom/filosofia\\_10\\_11\\_cg\\_ct\\_homol\\_nova\\_ver.pdf](http://www.dgicd.minedu.pt/programs/prog_hom/filosofia_10_11_cg_ct_homol_nova_ver.pdf)]

a nossa tentativa de responder a estas perguntas e, mais concretamente, à pergunta: Como se podem operacionalizar as *Finalidades do Programa de Filosofia dos 10.º e 11.º Anos* numa turma de uma Escola Secundária de Évora?

Proporcionar é o caminho, como encontrá-lo vem da prática de ensino, as melhores técnicas, as formas simples de proporcionar tais conhecimentos adquire-se com prática, numa relação de tentativa/erro. Contudo, ao iniciarmos a nossa PES, tínhamos uma certeza: em oposição ao ensino da mera transmissão de conhecimentos e conteúdos filosóficos queríamos realizar uma prática de ensino que tivesse como base o diálogo, pois acreditamos que, através do diálogo, o professor procura ajudar o estudante a desenvolver as suas capacidades discursivas e o seu poder deliberativo. O diálogo possibilita que cada indivíduo se situe no tema a tratar e se aproprie das questões, pois só assim poderá emitir um juízo produzido por si próprio.

Assim, poderíamos talvez, alcançar um dos objectivos principais do ensino da Filosofia, a saber, que cada estudante desenvolva a capacidade de pensar por si próprio e que seja capaz de fazer uso da própria razão, seja na sua vida presente, (como estudante de Filosofia), seja na sua vida futura, enquanto membro de uma sociedade.

Ao mesmo tempo a prática de um ensino baseado no diálogo possibilitava a continuidade da nossa formação e o desenvolvimento do nosso trabalho de produção e comunicação filosófica.

***A vantagem é recíproca, pois os homens, enquanto ensinam, aprendem.***

***Séneca, Cartas a Lucílio.***

## **II. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

### **1.Contextualização**

Iniciámos a nossa PES realizando uma caracterização da Escola Secundária André de Gouveia e uma caracterização da turma de Ciências e Tecnologia (10.º ano CT1), a turma anfitriã, pois considerámos que esta primeira contextualização seria fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho ao longo do ano.

#### **1.1.Caracterização da Escola**

A Escola Secundária André de Gouveia (ESAG) localiza-se na cidade de Évora e está inserida numa zona urbana e residencial. Recebe alunos oriundos, principalmente de 3 bairros, (Bairro da Malagueira, Bairro Cruz da Picada e Bairro da Tapada), embora, por estar próxima da estação rodoviária, tenha vários alunos oriundos de aldeias perto de Évora que utilizam o autocarro como meio de transporte para a escola.

O Liceu Nacional de Évora, posteriormente designado Liceu Central André de Gouveia e, mais tarde, Liceu Nacional André de Gouveia, foi criado em 1841. O seu patrono, André de Gouveia (1497-1548), natural de Beja, notabilizou-se pela sua acção pedagógica como reitor da Universidade de Paris e director do Collège de Guyenne em Bordéus.

A escola passou a designar-se Escola Secundária André de Gouveia em 1977 e permaneceu no edifício do Colégio do Espírito Santo até 1979, data em que foram inauguradas as actuais instalações, situadas na Praça Angra do Heroísmo, na Zona Ocidental da cidade de Évora.

A ESAG é uma escola secundária com terceiro ciclo que funciona em regime diurno.

A arquitectura da escola, cujo modelo de construção obedece aos padrões vigentes na década de 70 para este tipo de estabelecimentos de ensino, contempla um conjunto de pavilhões com salas de aula, laboratórios, museus (espólio literário da época em que a escola se designava por Liceu), gabinetes, biblioteca, espaço polivalente e complexo desportivo.

Ao longo dos anos, a escola foi sofrendo várias adaptações necessárias assim como trabalhos de conservação. Este processo construtivo permitiu, entre outras coisas, dotar a escola de uma biblioteca actual, cujo espaço amplo e agradável é complementado pela diversidade de equipamentos informáticos e audiovisuais e pela riqueza do espólio literário.

O edifício da escola é constituído por blocos independentes num total de seis com dois pisos, o espaço de circulação no interior apresenta corredores com salas apenas num dos lados. Tem vários pátios de recreio e jardins, assim como alpendres, telheiros e uma faixa de circulação.

O espaço da escola é delimitado por gradeamento intransponível.

No que diz respeito a material didáctico útil para as aulas de Filosofia, a escola dispõe de vários materiais: como retroprojector, equipamentos de *slides*, computadores portáteis, quadro interactivo, projectores, fotocopiadoras, expositores, entre outros.

No seu panorama geral a escola tem um bom ambiente e funciona de modo tranquilo e pacífico.

Ao realizar a caracterização prévia da escola, pudemos adquirir conhecimentos a vários níveis. Foi necessário conhecer as instalações da reprografia e da biblioteca, por exemplo, pois são espaços relevantes para a realização do nosso trabalho na escola. Foi imperativo tomar conhecimento dos recursos disponíveis para professores e alunos para que os pudéssemos utilizar na planificação das nossas aulas assistidas e na planificação das actividades extracurriculares.

A escola anfitriã possibilitou-nos, através das suas instalações e recursos disponíveis, a realização de várias actividades sem qualquer tipo de constrangimento.

Muito importante também, foi o conhecimento de vários documentos estruturantes do funcionamento da escola, a saber: *Regulamento Interno*, *Projecto Curricular* e *Projecto Educativo*.

Vários documentos do Departamento Curricular de Ciências Humanas e Sociais (DCCHS) e, particularmente, da Área disciplinar de Filosofia, constituíram-se como elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma parte significativa do nosso trabalho em PES, como por exemplo, os *Critérios de Avaliação de Filosofia*, para a elaboração de documentos de avaliação e respectivas correcções, e o *Plano de Actividades Extracurriculares do DCCHS* para, através do conhecimento dos seus objectivos, colaborarmos no desenvolvimento de duas actividades.

## 1.2.Caracterização da turma

O conhecimento das características da turma é um factor de extrema importância para o desenvolvimento da metodologia de trabalho pedagógico. Tal aplica-se aos estudantes em PES como a qualquer docente no exercício da sua profissão.

É recomendação do *Programa de Filosofia 10.º e 11.ºanos*<sup>7</sup> que todos os docentes realizem um primeiro diagnóstico da turma, de forma a conhecerem as competências dos alunos nos diferentes domínios, (domínio da leitura compreensiva, da expressão verbal, escrita e dos seus hábitos de trabalho); a partir desse conhecimento pretende-se que o docente desenvolva actividades de aperfeiçoamento e desenvolvimento dessas mesmas competências dos alunos.

A Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho desenvolveu, antes da nossa chegada à escola, um primeiro diagnóstico da turma para aferir as competências dos alunos nos domínios da leitura compreensiva e da expressão verbal. Assim sendo, coube-nos a nós desenvolver um documento de caracterização de turma para aferir as suas competências no domínio dos seus hábitos de trabalho.

Para a caracterização da turma realizámos um documento em forma de questionário<sup>8</sup> através do qual procurámos aferir como ocupavam os discentes os seus tempos livres, quais as disciplinas mais e menos apreciadas, qual o tipo de aulas que preferiam e como organizavam o seu estudo.

Os conhecimentos obtidos, através da caracterização da turma, foram tidos em conta, tanto na selecção de recursos e estratégias a utilizar nas aulas, como na planificação das nossas actividades extracurriculares.

A turma do 10.º ano de Ciências e Tecnologias (10.º CT1) era constituída por vinte e um alunos, sendo que no mês de Novembro com a entrada de mais quatro alunos a turma passou a ter vinte e cinco elementos. No segundo período do ano lectivo, dois alunos anularam a matrícula e a turma passou a ter, até ao final do ano lectivo, por vinte e três alunos, treze do sexo feminino e dez do sexo masculino.

---

<sup>7</sup> *Programa de Filosofia 10º e 11º anos*, Lisboa, homologado em 2001.  
[[http://www.dgicd.minedu.pt/programs/prog\\_hom/filosofia\\_10\\_11\\_cg\\_ct\\_homol\\_nova\\_ver.pdf](http://www.dgicd.minedu.pt/programs/prog_hom/filosofia_10_11_cg_ct_homol_nova_ver.pdf)]

<sup>8</sup> Anexo I



As idades dos estudantes oscilavam entre os quinze e os dezasseis anos e só uma aluna era repetente.

O nosso questionário foi respondido, no mês de Novembro, pela totalidade da turma, tendo sido possível obter os seguintes resultados<sup>9</sup>:

- A maioria dos alunos gosta de frequentar a escola;
- Na sua maioria, os alunos afirmam que a escola é um lugar onde podem aprender;
- As aulas que mais lhes agradam são aquelas em que frequentemente são utilizados recursos audiovisuais/Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) e aquelas em que se desenvolvem debates;
- As disciplinas em que os discentes afirmam sentir mais dificuldades são: Física e Química, e Matemática;
- Afirmam sentir menos dificuldades nas disciplinas de Português e Espanhol;
- Indicam que as dificuldades sentidas nas diferentes disciplinas resultam da dificuldade em compreender as explicações do professor;
- Os alunos afirmam que as matérias leccionadas nas diferentes disciplinas são interessantes, úteis e ligadas à vida real.
- Estudam em média 30 minutos por dia;
- Gostam mais de estudar sozinhos do que em grupo;
- A maioria dos alunos estuda em casa. Nenhum aluno afirma estudar na biblioteca.
- A maioria dos alunos tem alguém que os ajuda nos seus estudos;
- A maioria dos alunos utiliza a *internet* nos seus tempos livres. Apenas um aluno afirmou ocupar os seus tempos livres com a leitura.

Através das respostas dos alunos percebemos que, embora estivessem a frequentar o curso de Ciências e Tecnologia, era na área da sua formação específica que sentiam maiores dificuldades, afirmando na sua maioria, que a disciplina de Português é a disciplina em que sentiam menos dificuldades. O facto de sentirem menos dificuldades na disciplina de Português pôde ser útil para o desenvolvimento do seu

---

<sup>9</sup> Anexo II

trabalho em Filosofia, visto que o domínio da língua portuguesa é imprescindível para o trabalho nesta disciplina.

Ao afirmarem que as aulas que mais lhe agradavam eram aquelas em que se utilizava recursos audiovisuais/ TIC e aquelas em que se desenvolviam situações de debate, preterindo as aulas em que a dinamização das actividades estaria entregue apenas ao professor, os alunos proporcionaram um importante elemento de diagnóstico. Por isso, estas afirmações foram tidas em conta em todos os planos de aula desenvolvidos, assim como em todas as planificações de unidades temáticas em que participámos. Em diversas aulas foram utilizados recursos audiovisuais (vídeo e excertos musicais) assim como as TIC (apresentações em PowerPoint) recorrendo ao uso de computadores portáteis.

Como a maioria dos discentes afirmou que gostava mais de estudar individualmente do que em grupo e por considerarmos que na disciplina de Filosofia o trabalho em grupo é fundamental para o desenvolvimento do exercício pessoal da razão, aquando da selecção das actividades a realizar na sala de aula, incluímos várias propostas de trabalho em grupo ou a pares de forma a fomentar nos alunos o gosto pelo trabalho em grupo.

Na sua maioria, a turma afirmou que ocupava os seus tempos livres com a utilização da *Internet*. Aproveitámos esse seu “gosto”, sugerindo que o aproveitassem para o estudo na disciplina. Assim sendo, os alunos realizaram, ao longo do ano, as mais diversas pesquisas (biografias de filósofos, de temas tratados na disciplina, referências históricas, referências bibliográficas, vídeos, etc.) que a dada altura se mostraram relevantes para o estudo da disciplina.

Esta caracterização de turma permitiu-nos não só conhecer os principais hábitos de trabalho dos alunos, aproveitando alguns deles para as actividades da disciplina e ajudando a desenvolver outros, como nos permitiu também recolher uma série de dados importantes para a planificação de objectivos específicos, selecção de recursos e de estratégia a utilizar na dinamização das aulas. O objectivo era ir ao encontro das suas preferências em relação aos diferentes tipos de aulas, de forma a tornar as aulas de Filosofia interessantes e motivadoras, ao mesmo tempo que possibilitávamos que os alunos explorassem as suas potencialidades e desenvolvessem as suas competências.

## **2. Dimensão científica e pedagógica**

### **2.1. Preparação científica**

A preparação científica que o ensino de Filosofia exige tem de ter como base uma boa formação inicial. Ter uma boa formação inicial não significa necessariamente ter uma muito boa classificação de final de curso; significa, sobretudo, ter presente a ideia de que o trabalho em Filosofia é algo contínuo, que exige um esforço diário e muita dedicação. A formação que o curso de Filosofia nos possibilita é apenas uma base a partir da qual devemos procurar consolidar os nossos conhecimentos.

No início da nossa formação foi-nos dito que não existe nenhuma “fórmula mágica” para a prática do ensino de Filosofia. Contudo, para que essa prática de ensino decorra de forma satisfatória, é fundamental que o estudante em PES desenvolva uma rigorosa e continuada preparação científica. Tal ideia acompanhou-nos durante toda a nossa PES.

Foi necessário continuar a estudar, reler o que já tínhamos lido, aprofundar o nosso conhecimento sobre os temas/problemas tratados na disciplina de Filosofia, dominar os conceitos filosóficos fundamentais, alargar o nosso conhecimento sobre a História da Filosofia e os seus protagonistas e, principalmente, permanecer atenta ao mundo e continuar a pensar filosoficamente.

O primeiro documento sobre o qual procurámos desenvolver um bom conhecimento foi o *Programa de Filosofia 10.º e 11.º anos*. Este documento é fundamental para a organização e planificação de toda a prática de ensino de Filosofia e foi com o estudo aprofundado deste documento que iniciámos a preparação científica para a realização da nossa PES.

O *Programa de Filosofia* fornece as grandes linhas de orientação e de pensamento, através das quais os professores devem delimitar a sua prática. Sugere bibliografia geral, que reúne obras de referência como Histórias da Filosofia, Dicionários e Enciclopédias, sugere bibliografia específica organizada e distribuída segundo os conteúdos fundamentais e fornece, ainda, sugestões de leituras para os alunos. A maioria destas sugestões foi tida em conta na nossa preparação científica e ao longo de toda a nossa prática de ensino.

Outro passo fundamental nesta nossa preparação foi o estudo do Manual adoptado pela escola, o *Pensar Azul*<sup>10</sup>. Era o documento de referência dos alunos, por isso foi necessário dominar o seu conteúdo, conhecer os seus textos e a forma como explorava os temas e conteúdos programáticos.

A PES exigiu-nos um estudo contínuo das temáticas programáticas e rapidamente percebemos que, quanto melhor dominássemos as temáticas, melhor as conseguiríamos explorar na sala de aula. Assim sendo, para acompanhar o nosso trabalho em PES, utilizámos uma boa História da Filosofia, recorreremos várias vezes a enciclopédias de referência, (como por exemplo a *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira* editada pela Verbo) e consultámos dicionários filosóficos sempre que foi necessário clarificar alguns conceitos específicos.

Realizámos as leituras que considerávamos pertinentes para a revisão de cada temática e para um maior aprofundamento dessas temáticas recorreremos aos textos de filósofos de referência que com elas mantêm relações privilegiadas. Como por exemplo, José Ortega y Gasset na temática da introdução à Filosofia, *O Existencialismo é um Humanismo* de Jean-Paul Sartre para a temática da acção humana, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* de Immanuel Kant e *Ética e Infinito* de Emmanuel Lévinas para a temática da Ética, entre muitos outros.

Interessou-nos particularmente manter um “diálogo” com essas obras por forma a realizar a nossa abordagem crítica a cada temática, pois só assim alcançaríamos a segurança necessária para desenvolver o nosso trabalho ao longo da PES.

Analisando o nosso percurso na PES, compreendemos que, apesar de não existir nenhuma “fórmula mágica” de como ensinar Filosofia, existem porém técnicas ou estratégias que contribuem decididamente para o bom desenvolvimento dessa prática, tais como: seleccionar um bom texto e acompanhá-lo com boas questões de interpretação e discussão. Para formular boas questões de interpretação e discussão é necessária toda uma preparação científica prévia e para seleccionar um bom texto também. Mas o que é um bom texto?

Consideramos que um bom texto é aquele que não deixa indiferente quem o lê<sup>11</sup>. Grande parte da nossa preparação científica relacionou-se com a procura desses textos. Procurámos textos que despertassem o interesse dos alunos para a temática a ser tratada,

---

<sup>10</sup> ALVES, Fátima, ARÊDES, José, CARVALHO, José, *Pensar Azul Filosofia 10.º ano*, Revisão Científica de Carlos João Correia, Texto Editores, Lisboa, 2009.

<sup>11</sup> Anexo III (Exemplo de um texto seleccionado por nós e utilizado na aula).

que colocassem os problemas filosóficos de forma clara e, ao mesmo tempo, que permitissem uma boa base para o debate de ideias. Esta tarefa mostrou-se muitas vezes difícil de cumprir. Primeiro porque a nossa inexperiência de ensino por vezes traía-nos (textos que inicialmente considerámos adequados revelaram-se depois, no contexto da sala de aula, nada pertinentes), depois porque um texto que cumpra todos estes requisitos não é, de todo, fácil de encontrar.

Para encontrar esses “textos” fizemos muitas e diversificadas leituras de obras introdutórias ao trabalho filosófico, consultámos diversos *sites* na *internet*, vimos filmes e documentários, consultámos jornais e revistas e demos continuidade a um projecto de pesquisa baseado no estudo diário e firmado num esforço e dedicação permanentes.

Acreditamos que só com esforço e dedicação é possível planificar com qualidade, conduzir as aulas com segurança e, sobretudo, motivar os alunos para o estudo da disciplina de Filosofia.

## **2.2. Observação**

Durante toda a nossa PES tivemos a oportunidade de desenvolver vários momentos de observação de aulas. Esta observação foi extremamente útil porque nos permitiu uma melhor compreensão dos princípios estruturais e funcionais de uma aula de Filosofia.

A observação das aulas direccionou-se, principalmente, para a actividade lectiva realizada pela Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho, mas também para a dinâmica comportamental dos alunos na sala de aula. Deste exercício de observação retirámos vários ensinamentos: aprendemos técnicas de motivação à participação dos alunos, aprendemos diferentes formas de exposição dos conteúdos, de exploração dos recursos e verificámos como se pode orientar os estudantes na realização das diferentes actividades desenvolvidas em sala de aula. Compreendemos, principalmente, a partir desta observação, que a boa interacção estabelecida entre o professor/a e os alunos favorece significativamente todo o processo de ensino/aprendizagem.

Em relação à dinâmica comportamental dos alunos na sala de aula, pudemos verificar o nível de participação dos alunos, a quantidade e a qualidade das suas intervenções orais, a sua postura comportamental e as atitudes demonstradas. A

observação das aulas permitiu-nos um melhor conhecimento da turma, factor determinante para a planificação e condução das nossas aulas assistidas.

### **2.3. Planificação de Unidades Didácticas e Planos de Aula**

A planificação das unidades didácticas foi realizada em colaboração estreita com a Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho. A Orientadora Cooperante apresentou-nos no início do ano a sua Planificação Anual da disciplina e, em conjunto, fomos realizando ao longo do ano a planificação de cada unidade didáctica.

Da nossa experiência na realização de planos de aulas, constatámos que para que estes se apresentem de forma clara e coerente é necessário que se desenvolva previamente uma planificação de unidade, isto é, do seu todo temático. Desta forma garantimos uma coerência interna ao *corpus* científico das aulas de Filosofia. Uma aula deve ser pensada previamente. De forma nenhuma, enquanto estudantes em PES, estaríamos em condições de basear uma aula na espontaneidade ou no improvisado.

Através da nossa formação inicial na disciplina de Didáctica da Filosofia aprendemos que uma boa aula depende de uma boa planificação. Sabemos agora também que uma boa planificação não implica necessariamente uma boa aula, mas é nesta primeira tarefa que devemos concentrar todos os nossos esforços.

A planificação de uma aula deve ser feita em função dos alunos, atendendo aos seus interesses, idade, motivações, conhecimentos e principais competências a desenvolver. Interessou-nos por isso planificar aulas que na sua execução se tornassem interessantes e motivadoras.

Para a realização dos Planos de Aula das nossas aulas assistidas<sup>12</sup>, consultámos outras planificações (apresentadas nos manuais didácticos de Filosofia, por exemplo) e contámos com a orientação da professora cooperante. Das planificações que consultámos recolhemos informações úteis sobre as diferentes formas de abordagem temática e, através da orientação da Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho, percebemos que, apesar de se

---

<sup>12</sup> Aulas assistidas pelo coordenador da Prática de Ensino Supervisionada de Filosofia da Universidade de Évora, o Professor Doutor João Tiago Pedroso de Lima. Referimo-nos especificamente a estes Planos quando no presente relatório damos conta da nossa experiência de planificação autónoma.

exigir originalidade em cada planificação, todas as planificações devem apresentar elementos estruturantes comuns.

Do nosso ponto de vista, todas as planificações devem conter os seguintes elementos: tema/conteúdo, objectivos, estratégias, recursos ou material utilizado, bibliografia e avaliação.

O processo de planificação de unidades temáticas e elaboração dos planos de aulas assistidas foi bastante gratificante, pois aprendemos a desenvolver planificações com bastante rigor, factor de grande importância para o desenvolvimento do nosso trabalho enquanto futuros docentes da disciplina de Filosofia.

Tendo por base os temas/ conteúdos programáticos, definimos os objectivos que pretendíamos alcançar e as competências que esperávamos que os alunos desenvolvessem. Participámos na definição das estratégias a utilizar e para diversas aulas contribuímos com os mais variados recursos.

A cada participação na realização de uma planificação de unidade didáctica, procurámos contribuir para um plano de ensino coeso, com objectivos claros, com a diversificação de estratégias e recursos, promovendo diferentes espaços de aprendizagem e ensino. Apesar de realizarmos a planificação de unidade em conjunto com a professora cooperante e com a colega, também em PES, Stéphanie Lopes, a pesquisa para essa realização foi autónoma e procurámos sempre utilizar os mais rigorosos critérios de qualidade na selecção dos recursos textuais.

Aprendemos que é preferível planificar uma aula com poucos objectivos para que estes possam efectivamente ser cumpridos e que temos de pensar em actividades tendo em conta o tempo que os alunos necessitam para as realizar com sucesso. Em anexo apresentamos um exemplo de um Plano de Aula concebido para uma aula assistida<sup>13</sup>, de forma a ilustrar o trabalho realizado nesta área tão importante da nossa PES.

---

<sup>13</sup> Anexo IV

## 2.4. Condução de aulas

Como foi referido anteriormente, uma boa planificação não garante necessariamente uma boa aula. Rapidamente percebemos que, por muito cuidadosa que possa ser a planificação de uma aula, existem muitas vezes aspectos na sua execução que lhe escapam completamente.

Durante todo o ano lectivo tivemos a oportunidade de colaborar na dinamização de todas as aulas, mas foi nas nossas aulas assistidas que nos coube a sua condução na totalidade. Foi com grande responsabilidade que assumimos essa tarefa que se constituiu também como um aliciante desafio.

Felizmente pudemos contar com a colaboração dos alunos em aspectos muito importantes como a assiduidade e a pontualidade, o que nos facilitou a tarefa. Apesar de, por vezes, se verificar alguma agitação mais ruidosa, a turma no cômputo geral teve um comportamento correcto e adequado a uma sala de aula. Tal facto permitiu que a maioria das aulas assistidas se desenvolvesse num ambiente tranquilo, propício ao desenvolvimento do trabalho filosófico.

Houve uma boa participação dos alunos nas actividades desenvolvidas na aula e as suas intervenções constantes permitiram o desenvolvimento de um trabalho dinâmico.

Em todas as aulas (mesmo aquelas em que não fomos *regentes*) procurámos desenvolver sempre uma postura adequada e respeitadora da dinâmica da turma. Procurámos demonstrar confiança na exposição dos conteúdos, ajudámos os alunos na execução das actividades propostas e tentámos contribuir sempre com algo novo e relevante que permitisse o enriquecimento das aulas.

Em relação à execução das nossas aulas assistidas procurámos fomentar situações de diálogo de forma a proporcionar momentos de participação efectiva dos alunos. Dirigimos questões abertas à turma no geral mas também interpelámos os alunos individualmente com o objectivo de incitar à reflexão conjunta.

O diálogo com os alunos pressupõe uma preparação prévia dos temas, onde se explicita os conteúdos de forma clara e se apresenta os argumentos a favor e contra uma qualquer proposição ou proposições. Contudo, o objectivo não é que o aluno assimile de forma passiva os conhecimentos transmitidos pelo professor, mas que tenha uma participação activa nesse mesmo diálogo. Por isso, procurámos das mais variadas



formas, (leitura e interpretação de um texto, exibição de um excerto filmico, exploração de um *PowerPoint*), que os alunos se *apropriassem* da temática programática, da questão a ser tratada em cada aula.

O nosso objectivo principal era que os alunos se *apropriassem* dos problemas principais a tratar em cada aula, assumindo a sua posição crítica face aos mesmos. Para o cumprimento desse objectivo muito nos esforçámos em cada aula que conduzimos. Compreendemos, agora, que o diálogo se torna fundamental nas aulas de Filosofia em oposição ao método meramente expositivo. O diálogo permite, não somente que cada aluno se situe na questão, se aproprie da mesma, mas, também, que quem pergunte esteja situado na pergunta, se encontre envolvido nela. Tal acontecimento possibilita um processo de ensino/aprendizagem da Filosofia mais estimulante e relaciona-se mais nitidamente com a afirmação kantiana de que não se ensina Filosofia, ensina-se a filosofar.

Através do diálogo, da exploração de diferentes recursos e da criação de situações de debate, em suma, da diversificação das estratégias de intervenção na aula, a comunicação entre nós e a turma tornou-se cada vez mais genuína e enriquecedora.

Aprendemos com esta experiência de condução de aulas duas coisas fundamentais: primeiro, que é preferível conceber um Plano de aula com menos recursos e objectivos e que não devemos “perder-nos” na diversificação de estratégias; segundo, que é necessário deixar a aula fluir de acordo com o “tempo dos alunos”, pois o pensamento nem sempre se desenvolve na duração temporal que planificamos. Mais uma vez se afirma que o importante é planificar correctamente, a experiência de condução de aulas permitiu-nos aperfeiçoar a nossa capacidade de planificação.

## **2.5. Avaliação das aprendizagens**

A avaliação das aprendizagens dos alunos foi um trabalho contínuo, realizado em estreita colaboração com a Orientadora Cooperante.

Ao longo do nosso percurso na PES produzimos fichas de trabalho, participámos na produção das Provas Escritas de Avaliação de Conhecimentos e Competências<sup>14</sup> e

---

<sup>14</sup> Anexo V

produzimos, ainda, documentos de avaliação das actividades extracurriculares realizadas na turma.

Com base nos *Crítérios de Avaliação da disciplina de Filosofia*, fornecidos pela Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho no início do ano lectivo, e sob a sua orientação, corrigimos e avaliámos as produções escritas dos alunos (T.P.C., fichas do *Caderno de Actividades do Manual*, fichas de trabalho por nós produzidas<sup>15</sup> e Provas Escritas de Avaliação de Conhecimentos e Competências).

O processo de avaliação das aprendizagens dos alunos foi muito importante: ao mesmo tempo que nos permitia um melhor conhecimento das competências adquiridas pelos alunos, permitia-nos uma melhor preparação das aulas seguintes. O que aprendemos com este processo de avaliação (produção de documentos avaliadores, construção de grelhas de correcção e avaliação) durante a nossa PES contribuiu bastante para a nossa formação profissional e julgamos que será bastante útil no nosso futuro.

Aprendemos a avaliar de forma contínua, tomando o trabalho do aluno como um todo passível de progresso mas também de retrocessos os quais devem merecer uma constante atenção. Aprendemos a desenvolver documentos de avaliação diagnóstica e sumativa e aprendemos, principalmente, a corrigir produções escritas atendendo ao seu rigor ortográfico mas também ao seu cariz reflexivo.

---

<sup>15</sup> Anexo VI

### 3. Participação na escola

Verificámos, ao longo deste nosso percurso, que são os aspectos de dimensão relacional que estão na base de todo o trabalho desenvolvido na dimensão científica e pedagógica da PES.

Ao iniciarmos a nossa PES era nossa preocupação fundamental não perturbar o bom funcionamento da escola, pelo contrário, procurávamos uma boa integração na comunidade escolar. Mas uma boa integração na comunidade escolar não significa apenas não perturbar o seu bom funcionamento, significa, também, colaborar e participar activamente da melhor forma possível.

Participámos (como observadoras) nas reuniões do Departamento Curricular de Ciências Humanas e Sociais (DCCHS) da ESAG, no qual se insere a Área de Filosofia, onde conhecemos docentes de outras áreas disciplinares e a sua coordenadora, a Dr.<sup>a</sup> Isabel Gameiro. Ao assistirmos às reuniões do Departamento pudemos tomar conhecimento das suas principais funções e responsabilidades e da sua dinâmica de trabalho.

Ao longo do ano a nossa relação com o DCCHS tornou-se cada vez mais estreita e colaborante. Em Março, fomos convidadas a participar numa actividade desenvolvida pelo DCCHS, onde moderámos a 3ª sessão do Projecto “*Café & Ideias*”<sup>16</sup>. O objectivo principal dessa sessão foi a reflexão sobre a escola que fomos, que somos e que queremos ser. Esta actividade envolveu professores, assistentes operacionais, encarregados de educação e alunos. Foi com agrado e muita dedicação que colaborámos nesta actividade.

Outra actividade desenvolvida durante a nossa PES, e que muito contribuiu para a nossa integração na comunidade escolar, foi a actividade de Comemoração do Dia Mundial da Filosofia. Actividade proposta pela Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho.

Foi proposto às estudantes em PES que pensassem numa forma de comemorar o Dia Mundial da Filosofia (3ª Quinta-feira do mês de Novembro). O principal objectivo dessa actividade seria o de envolver a turma nessa comemoração ao mesmo tempo que

---

<sup>16</sup> Projecto desenvolvido pelo DCCHS que consistia na organização de vários encontros onde a comunidade escolar era convidada a reflectir sobre os mais diversos assuntos relacionados com o ensino e, mais especificamente, com a Escola Secundária André de Gouveia, o seu passado, o seu presente e o seu futuro.

nos apresentávamos à comunidade escolar como as estudantes em PES da disciplina de Filosofia.

Em conjunto com a turma, a Orientadora Cooperante e as estudantes em PES, idealizaram uma actividade que consistia na realização de uma conversa com um filósofo convidado, sobre a Filosofia e a sua importância actual. A actividade denominou-se “*André de Gouveia convida... Prof. Ricardo Santos*”.

Partiu de nós a ideia de convidar o Professor Doutor Ricardo Santos que fora nosso docente na Universidade de Évora na Disciplina de *Lógica e Conhecimento* no âmbito do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário. A ideia de o convidar surgiu não só devido às suas competências de orador, por nós reconhecidas, como também devido ao seu interesse por todos os assuntos relacionados com o ensino da Filosofia no ensino secundário. Pretendia-se que o Professor Doutor Ricardo Santos protagonizasse uma *conversa* com os alunos da turma anfitriã, sobre a Filosofia e a sua importância actual, convite que o Professor aceitou o que muito nos honrou. Nós próprias e a ESAG agradecemos muito a sua disponibilidade e empenho na concretização desta actividade onde, todos juntos, comemorámos o Dia Mundial da Filosofia.

Para introduzir a turma na temática da actividade, procurámos disponibilizar toda a informação sobre o Dia Mundial da Filosofia e o propósito da sua comemoração, (os objectivos da Unesco ao instaurar o Dia Mundial da Filosofia e a importância da sua comemoração nos dias de hoje).

Trabalhámos em conjunto com a turma na preparação da actividade. Através da realização de convites e da produção de um cartaz comemorativo do Dia Mundial da Filosofia, (afixado no espaço polivalente da ESAG), onde anunciámos à comunidade escolar a realização desta actividade.

Os encontros para a preparação da actividade foram realizados fora da sala de aula, reunimo-nos com os alunos às Quartas-feiras à tarde, em horário livre de aulas, formalmente autorizados e na presença da Orientadora Cooperante.

Para a realização dos convites e do cartaz anunciante da actividade<sup>17</sup>, os alunos pesquisaram informações sobre a História da Filosofia e os seus protagonistas e elaboraram questões que gostariam de colocar ao filósofo convidado. Na preparação da actividade os alunos utilizaram os recursos disponíveis na Biblioteca da escola,

---

<sup>17</sup> Anexo VII

(computadores com acesso à *internet*, dicionários filosóficos, diferentes volumes da História da Filosofia, cola, tesoura, papel de cenário, etc.), contando sempre com a nossa orientação.

Foi uma aventura à descoberta da Filosofia. Os alunos procuraram conhecer melhor a História da Filosofia ao mesmo tempo que procuravam abandonar vários preconceitos que tinham acerca da disciplina.

A realização da actividade foi aberta a toda a comunidade escolar, outras turmas e respectivos professores participaram na actividade.

Do ponto de vista dos alunos o resultado da actividade foi bastante positivo, (informação recolhida através de um relatório da actividade, realizado pelos alunos), pois concluíram que através da preparação/realização da actividade puderam conhecer mais sobre a disciplina de Filosofia e sobre os filósofos e que estabeleceram relações de proximidade com os seus colegas (dentro e fora da turma), com a sua professora titular e com as estudantes em PES.

O nosso balanço da actividade realizada também é bastante positivo. Estreitámos relações de trabalho com a nossa Orientadora cooperante, com a colega Stéphanie Lopes e com a turma. Pudemos integrar-nos na comunidade escolar de forma mais fácil e com criatividade. A experiência da realização da actividade de comemoração do Dia Mundial da Filosofia foi tão enriquecedora que consideramos repeti-la na nossa futura prática profissional.

A visita de estudo à Assembleia da República foi outra actividade que desenvolvemos neste nosso percurso em PES. Aquando da nossa contribuição na planificação das actividades extracurriculares<sup>18</sup>, que tinha como destinatários a turma anfitriã e a comunidade escolar, surgiu-nos a ideia de realizar uma visita de estudo no 2.º Período do ano lectivo.

Apresentámos a ideia à Dr.ª Isabel Agostinho que se disponibilizou de imediato para ajudar na sua concretização. E assim sendo, demos início a um projecto que se revelou bastante árduo mas extremamente gratificante.

No âmbito do tema programático, A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES, os alunos estudam as relações entre Ética, Direito e Política. Grande parte da matéria a

---

<sup>18</sup> A actividade *Comemoração do Dia Mundial da Filosofia*, integrou-se no Plano Anual de Actividades da ESAG (foi inclusive anunciada na página *online* da escola) sob o eixo temático SER ESAG - ESTAR NO MUNDO, plano esse que ajudámos a desenvolver no âmbito do DCCHS.

estudar versa o conceito de Estado, as suas principais funções e a divisão tripartida dos seus poderes (poder legislativo, executivo e judicial). Tendo em conta os principais objectivos desta temática, a saber, que o aluno compreenda as relações entre Ética, Direito e Política, possa discutir problemas político-sociais e que assuma posições críticas, pensámos que seria uma boa forma de motivar os alunos para o estudo desta temática a realização de uma visita à Assembleia da República.

Ao assistirem a uma Sessão Plenária poderiam verificar como se relacionam, efectivamente, a Ética, o Direito e a Política, no espaço por excelência do estabelecimento destas relações. Esta visita serviria como ponto de partida para o estudo destas relações no âmbito da disciplina de Filosofia.

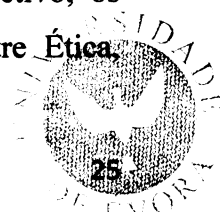
Iniciámos, então, os primeiros contactos com o Gabinete de Relações Públicas da Assembleia da República, no sentido de agendar a nossa assistência a uma sessão plenária para o mês de Março. Encarregámo-nos de pedir orçamentos e celebrar contrato (em nome da ESAG) com a empresa de transporte que nos levaria a Lisboa. Planeámos todo o itinerário para esse dia, onde incluímos, para o horário da tarde, uma visita ao Pavilhão do Conhecimento, visita sugerida pelos alunos da turma.

Tratámos, juntamente com a Directora de Turma, dos documentos necessários para as autorizações dos encarregados de educação e a titular da turma tratou de todos os requisitos legais para a realização da visita junto da Direcção da escola. Por sugestão dos alunos foi convidada a turma de 10.º ano TD1 e a respectiva professora da disciplina de Filosofia, a Dr.ª Ana Santos. Aguardámos, então, a chegada do dia 19 de Março de 2010, dia da realização da visita.

Assistimos a uma Sessão Plenária Extraordinária nessa manhã, pois os temas a tratar na Sessão foram alterados no dia anterior. O tema principal da Sessão Plenária foi “A violência nas escolas” onde contámos com a presença da Sr.ª Ministra da Educação, a Dr.ª Isabel Alçada, no plenário, o que tornou a visita ao Parlamento ainda mais interessante para os professores e para os alunos.

A visita decorreu normalmente como planeada e não houve qualquer tipo de constrangimento a registar. Os alunos revelaram um comportamento exemplar, mostraram-se interessados e participativos, e interagiram positivamente com os professores e entre si. Do nosso ponto de vista foi uma experiência bastante positiva.

Com a realização desta actividade cumprimos o seu principal objectivo, os alunos mostraram-se motivados e interessados em estudar as relações entre Ética, Direito e Política, ao longo de todas as aulas dedicadas a este tema.



Também para a nossa PES esta actividade se mostrou bastante enriquecedora, não só porque as relações entre estudantes em PES, Orientadora, alunos e restantes docentes saíram fortalecidas, mas também porque muito aprendemos sobre a organização de uma visita de estudo e os requisitos necessários para que a sua realização decorra com sucesso. Toda esta experiência de organização e realização da visita de estudo foi muito interessante e motivadora, contribuindo definitivamente para a nossa formação profissional.

Foram as relações que desenvolvemos com a nossa colega Stéphanie Lopes, com a Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho, com a comunidade escolar e com os alunos que possibilitaram o desenvolvimento de grande parte do nosso trabalho em PES, as boas relações que desenvolvemos motivaram o nosso trabalho diário e encorajaram-nos a enfrentar cada dia com segurança de quem é capaz de fazer sempre mais e melhor.

O bom relacionamento desenvolvido com a professora titular da turma e com a colega Stéphanie Lopes, também em PES, permitiu-nos melhorar a nossa capacidade de trabalho em grupo assim como a nossa capacidade de iniciativa e auto-crítica. A orientação da Dr.<sup>a</sup> Isabel Agostinho, ao longo desta nossa PES, contribuiu imenso para o desenvolvimento dos nossos conhecimentos pedagógicos e didácticos, mas contribuiu também, definitivamente, para a nossa formação pessoal.

Como referimos, por muito importante que seja toda a dimensão científica e pedagógica da PES, se não desenvolvermos uma boa dimensão relacional com as pessoas com quem trabalhamos diariamente, o trabalho que desenvolvemos torna-se vazio. Tal afirmação é válida para os estudantes em PES, respectivos colegas e orientadores mas é válida também para o conjunto de todos os docentes do sistema de ensino português.

Finalizámos o nosso percurso em PES com a convicção de que só com um esforço conjunto dos agentes educativos, (docentes e auxiliares de acção educativa, mas também encarregados de educação), se podem levar a cabo diferentes actividades de enriquecimento curricular e que só trabalhando em conjunto podemos alcançar um objectivo que nos é comum: o sucesso educativo dos alunos.

### III – REFLEXÃO SOBRE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Ao frequentar o Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário adquirimos novos conhecimentos e desenvolvemos várias competências ao nível pedagógico e didáctico. Mas o ano em que desenvolvemos a nossa Prática de Ensino Supervisionada foi, sem dúvida, onde mais nos enriquecemos a esses níveis.

A experiência da PES possibilitou-nos, não só desenvolver a nossa capacidade de trabalho em múltiplas tarefas características da vida docente, como possibilitou que desenvolvêssemos uma relação mais próxima com a Filosofia.

No decurso do nosso trabalho deparámo-nos com algumas dificuldades, mas foi com discernimento e sentido de responsabilidade que tentámos ultrapassá-las.

Dificuldades essas que se sentiram ao nível da dimensão científica e pedagógica da PES. No que diz respeito, à dimensão científica a principal dificuldade sentida foi na selecção dos textos a utilizar nas aulas, dificuldade que ultrapassámos através de uma pesquisa cuidada e exaustiva. Ao nível da dimensão pedagógica as dificuldades sentidas prenderam-se com a condução de aulas.

As aulas assistidas foram o momento ideal para detectar e verificar competências a aperfeiçoar, mas também erros a corrigir. Foi necessário corrigir, por exemplo, a forma de exploração dos textos e a forma de utilização do quadro da sala de aula, aspectos que procurámos melhorar ao longo da PES.

No seu geral todas as principais dificuldades com que nos deparámos foram ultrapassadas com facilidade, através de muito empenho da nossa parte, e sobretudo, através da estreita colaboração de todos os membros do Núcleo de PES de Filosofia.

No contexto geral do trabalho realizado não verificámos nenhuma dificuldade maior que mereça uma atenção mais específica, de referir que todas as dificuldades que sentimos e a forma como tentámos ultrapassá-las possibilitaram-nos aprofundar os nossos conhecimentos filosóficos, descobrir novos caminhos e *descobrirmo-nos* de outras formas.

A relação de trabalho que estabelecemos, quer com o nosso Orientador Coordenador, quer com a Orientadora Cooperante, enriqueceu muito a nossa PES. Devido à sua orientação não ultrapassámos as dificuldades sozinhas.



Da experiência vivida na PES retirámos várias aprendizagens que, com certeza, serão muito úteis para o nosso futuro profissional.

Desenvolvemos conhecimentos em relação à didáctica da disciplina de Filosofia mas também em relação ao seu projecto pedagógico. Explorámos as várias técnicas e estratégias do *como fazer* no ensino da Filosofia e procurámos, sempre, melhor nos esclarecer sobre o *que ensinar* na disciplina de Filosofia.

Ao analisar o nosso desempenho na P.E.S. compreendemos que ainda há alguns aspectos a melhorar nas nossas práticas lectivas e que é necessário continuar a trabalhar com dedicação e afinco. Não é possível agrupar um conjunto de conhecimentos didácticos e aplicá-los indiferenciadamente, o ensino de Filosofia deve ser algo dinâmico e em constante aperfeiçoamento. A Filosofia não é um conhecimento doutrinário e concluído. Por isso, o seu ensino também não deverá ser assim.

O importante é sabermos qual o objectivo desse ensino, compreender a fundamentação pedagógica, o seu *logos*, porque o *métodos*, a sua didáctica, só podemos teorizar à medida que formos desenvolvendo a nossa prática lectiva.

Através da experiência da PES sentimos a escola do ponto de vista do professor, (embora não como titular de uma turma), sentimos a enorme responsabilidade que esta profissão acarreta, não só ao nível pedagógico como ao nível da gestão escolar.

O desenvolvimento da profissão de docente implica uma abordagem pessoal e crítica da disciplina que pretendemos ensinar, mas implica, também, que sejamos capazes de desempenhar todas as funções que esta profissão exige. A nossa experiência em PES permitiu-nos perceber quais são essas funções e como pudemos desempenhá-las da melhor forma possível.

Temos a convicção que, graças à PES, adquirimos uma melhor preparação para os desafios futuros que nos esperam no exercício da profissão. Estamos agora mais preparados científica e pedagogicamente, para ingressar no ensino, e mais conscientes da realidade que nos espera.

Foi um ano lectivo de muito trabalho mas também muito feliz. Em cada planificação, cada execução de aula, avaliação de aprendizagens ou realização de actividades, explorámos a nossa capacidade criativa, desenvolvemos o nosso trabalho em Filosofia e, fundamentalmente, confirmámos ser o ensino a nossa verdadeira vocação.

Sabemos existirem pontos a melhorar na nossa futura prática lectiva. É necessário conter as nossas “paixões”, isto é, conter o nosso entusiasmo no

desenvolvimento do nosso trabalho filosófico. É necessário compreender que, apesar de a Filosofia ser uma descoberta permanente, o entusiasmo dessa descoberta deve ser partilhado com os alunos e não somente evidenciado por nós, docentes. As nossas convicções pessoais não devem ser abandonadas mas devem permanecer latentes para que mais tranquilamente possamos apreciar as *descobertas filosóficas* dos nossos alunos.

Hoje, conhecemos melhor as nossas responsabilidades e também as nossas limitações, o que encaramos de forma positiva, restando-nos assim enfrentar o futuro com o entusiasmo e o optimismo necessários à profissão docente.

Ao considerarmos o ensino da Filosofia como parte constituinte do trabalho filosófico e de extrema importância na formação educativa dos jovens, é a leccionar a disciplina de Filosofia que perspectivamos o nosso futuro e é desta forma que pretendemos dar continuidade ao nosso trabalho filosófico e à nossa formação pessoal.

## CONCLUSÃO

Dissemos, anteriormente, que a toda a experiência vivida na PES reflecte a nossa tentativa de responder a várias perguntas que radicavam numa questão fundamental: porquê ensinar Filosofia?

Ao considerarmos que as *Finalidades do Programa de Filosofia 10.º e 11.º anos* se constituem numa possível resposta à pergunta de como ensinar Filosofia, colocámos a seguinte questão: Como se podem operacionalizar as *Finalidades do Programa de Filosofia dos 10.º e 11.º Anos* numa turma de uma Escola Secundária de Évora?

Ao longo de todos os momentos da nossa PES procurámos concretizar essas Finalidades, através de todas as actividades realizadas. Esperamos que no relato que acabámos de fazer dessas actividades, essa tentativa de concretização se tenha evidenciado.

A nossa PES, enquanto parte integrante do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, constitui-se como o momento ideal para experimentar, para errar, para aprender e para evoluir. Estamos certas de que o presente relatório não poderá exprimir, na sua totalidade, o muito que esta experiência nos deu. Contudo, acreditamos ter passado a ideia do quão importante foi a experiência da PES na nossa formação enquanto futura docente da disciplina de Filosofia.

## BIBLIOGRAFIA

- AAVV *Programa de Filosofia 10.º e 11.º anos*, Lisboa, homologado em 2001.
- AAVV (org. de MARNOTO, Isabel) *Didáctica da Filosofia (2.vol.)*, Universidade Aberta, Lisboa, 1990.
- ANTUNES, Manuel, *Educação e Sociedade*, Livraria Sampedro, Lisboa, 1973.
- ARISTÓTELES, *Metafísica*, Livro I. (trad.) de José Ferreira Borges. Areal Editores, Lisboa, 2005.
- DELORS, Jacques (org.) *Educação - Um Tesouro a Descobrir*. Asa. Porto. 1996
- GUSDORF, George, *Professores Para Quê?* Livraria Morais Editora, Lisboa, 1967.
- KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura* (trad.) de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Morujão. 5.ª Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.
- LYOTARD, Jean-François, “Mensagem a propósito do curso filosófico” in *O Pós-Moderno explicado às crianças*, (trad.) de Teresa Coelho, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987.
- MURCHO, Desidério, *A Natureza da Filosofia e o seu Ensino*, Plátano Editora, Lisboa, 2002.
- ORTEGA Y GASSET, José, *O que é a Filosofia?* (trad.) de José Bento. Edições Cotovia, Lisboa, 1994.
- PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005.

## **ANEXOS**

**Anexo I: Inquérito para caracterização de turma**

**Anexo II: Resultados do Inquérito**

**Anexo III: Exemplo de texto seleccionado**

**Anexo IV: Exemplo de Plano de aula**

**Anexo V: Exemplo de Prova de Avaliação de Conhecimentos e Competências**

**Anexo VI: Exemplo de Ficha de trabalho**

**Anexo VII: Cartaz da actividade de Comemoração do Dia Mundial da Filosofia.**

## Anexo I



ANO LECTIVO  
2009/10

## DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Área Disciplinar de Filosofia

### Questionário Filosofia 10.º ano CT1

Novembro 2009

Assinala apenas uma opção

Gostas de frequentar a escola?  Sim  Não

Para ti a escola é um local onde ...

<input type="radio"/>	Posso aprender
<input type="radio"/>	Posso conviver
<input type="radio"/>	Posso fazer amigos

As aulas que mais te agradam são aquelas em que ...

<input type="radio"/>	Os alunos trabalham em grupo
<input type="radio"/>	Só o professor é responsável pela dinamização das actividades da aula
<input type="radio"/>	Frequentemente são utilizados audiovisuais/ TIC
<input type="radio"/>	Se desenvolvem debates

Qual a disciplina em que sentes mais dificuldades? \_\_\_\_\_

Qual a disciplina em que sentes menos dificuldades? \_\_\_\_\_

As dificuldades que por vezes sentes resultam de ...

<input type="radio"/>	Teres dificuldade em compreenderes a explicação do professor
<input type="radio"/>	Dedicares pouco tempo ao estudo
<input type="radio"/>	A forma como o professor organiza a aula
<input type="radio"/>	Teres pouco interesse por algumas matérias

De um modo geral consideras que a matérias leccionadas nas diferentes disciplinas

são:

<input type="radio"/> Interessantes	<input type="radio"/> Pouco interessantes
<input type="radio"/> Úteis	<input type="radio"/> Pouco úteis
<input type="radio"/> Ligadas à vida real	<input type="radio"/> Desligadas da vida real

Em média, quanto tempo estudas por dia?

30 min.  60 min.  90 min.  120 min.  antes dos testes

Onde costumavas estudar?

em casa  na escola (Biblioteca, Sala de Convívio)  Centro de explicações

Como gostas mais de estudar?

- Sozinho     Em grupo

Tens alguém que te ajude a estudar?    Não    Sim

Como ocupas os teus tempos livres? (assinala apenas uma opção)

<input type="radio"/>	Ler	<input type="radio"/>	Conviver com amigos	<input type="radio"/>	
<input type="radio"/>	Ouvir música	<input type="radio"/>	Ver televisão	<input type="radio"/>	
<input type="radio"/>	Ir ao cinema	<input type="radio"/>	Navegar na internet	<input type="radio"/>	

Outro: \_\_\_\_\_

O que é que te preocupa? (Por exemplo em relação à escola, aos amigos, à tua terra, ao mundo, etc...) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Muito obrigado pela tua colaboração!

## Anexo II

### Resultados do questionário

23 Alunos responderam ao questionário = 100% da turma

Gráfico A



Gráfico B

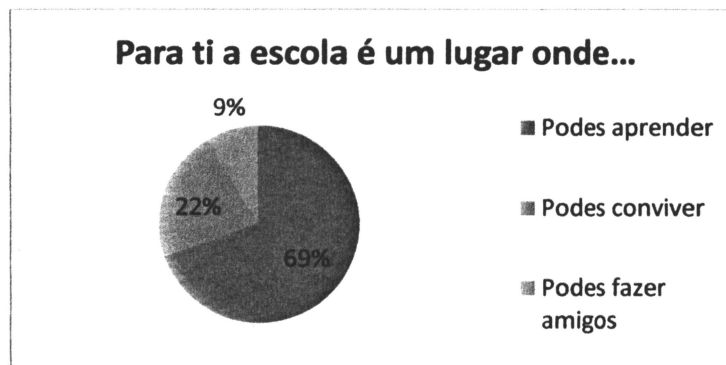
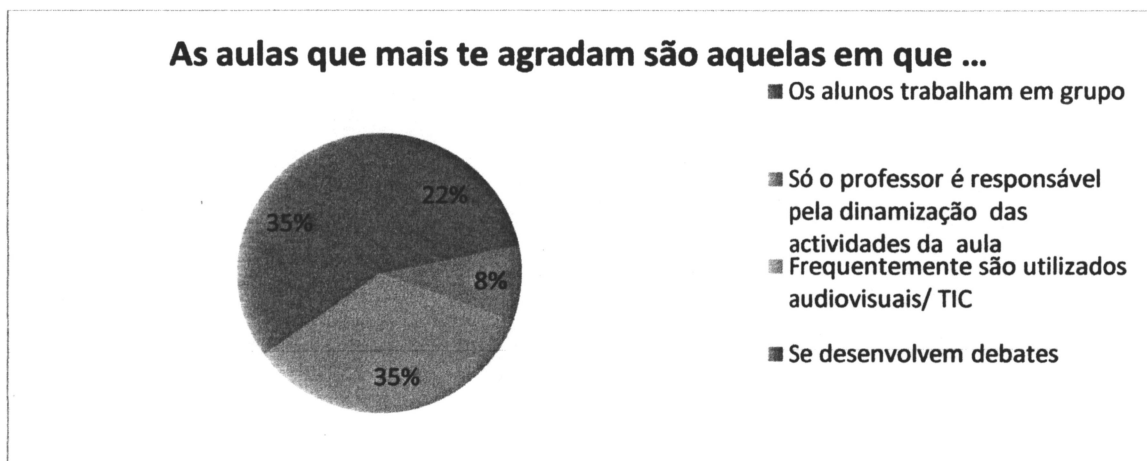
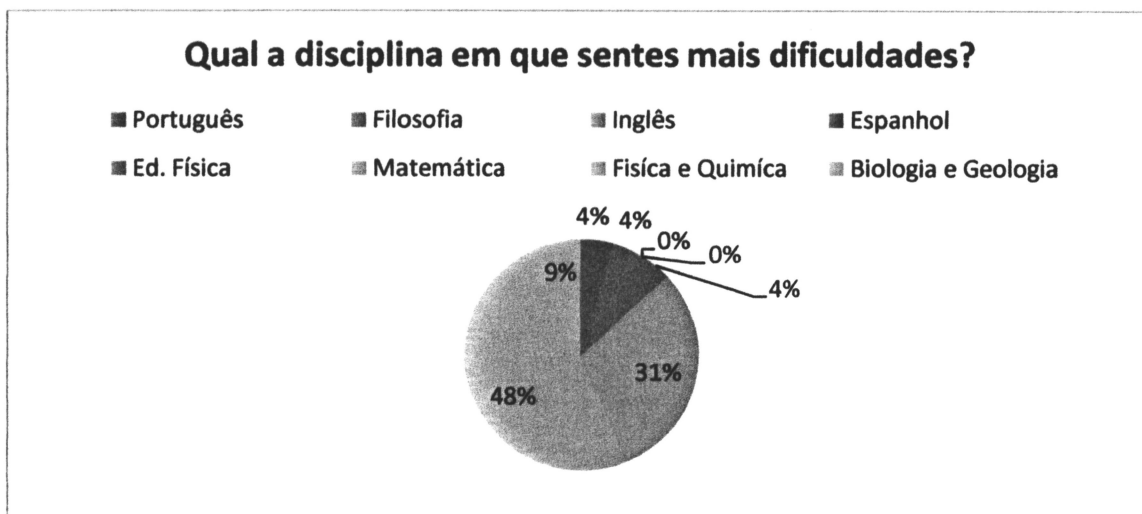


Gráfico C

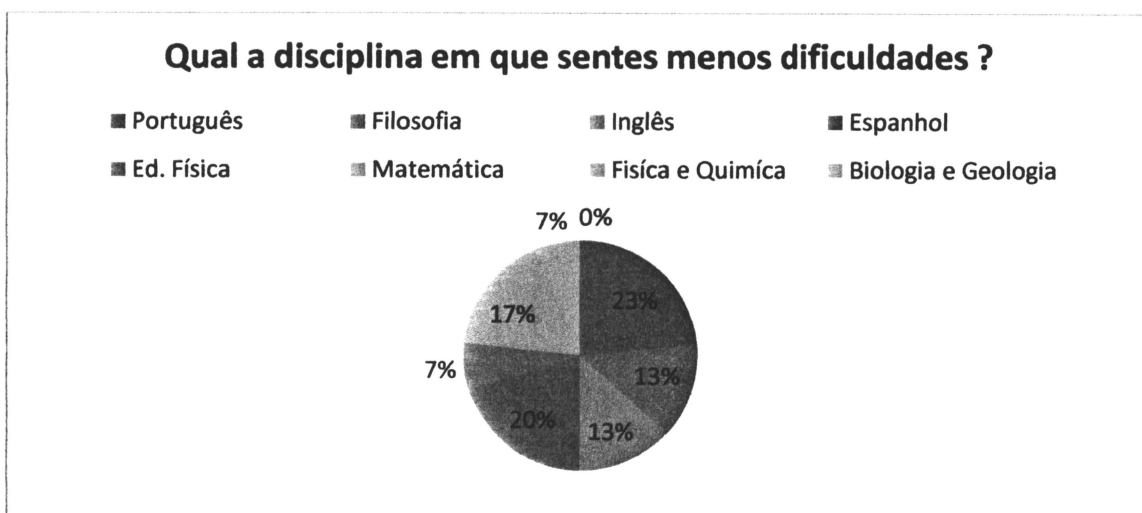




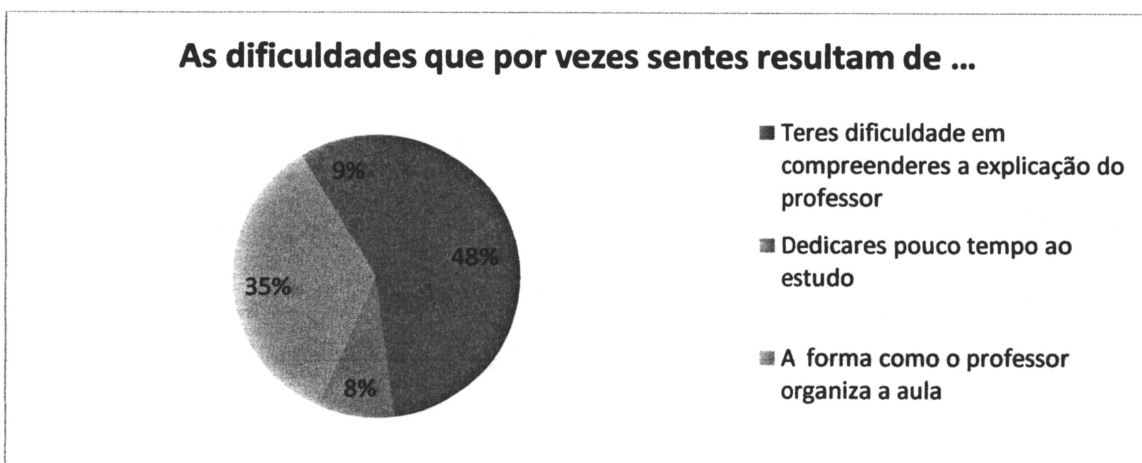
**Gráfico D**



**Gráfico E**

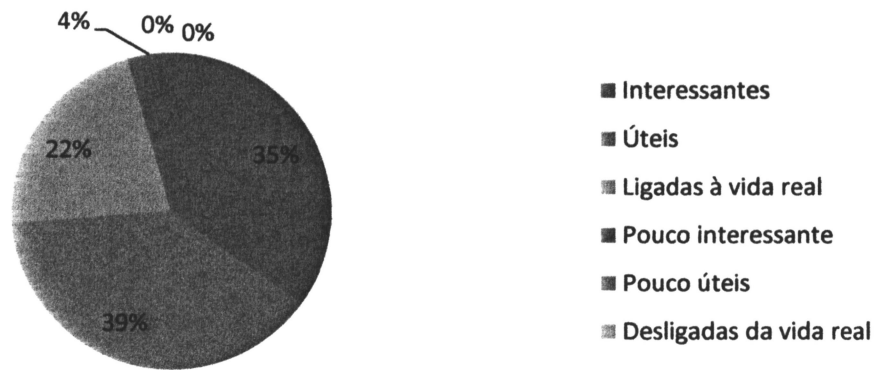


**Gráfico F**



**Gráfico G**

**Consideras que as matérias leccionadas nas diferentes disciplinas são:**



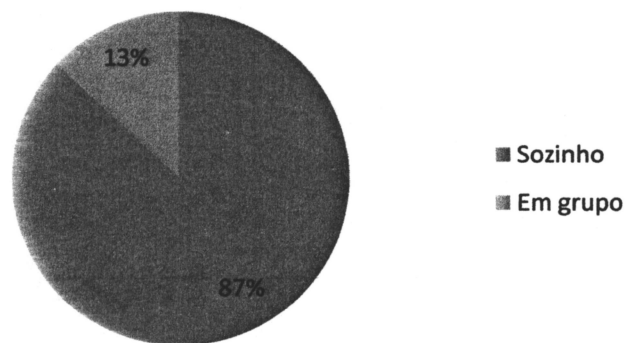
**Gráfico H**

**Em média, quanto tempo estudas por dia?**

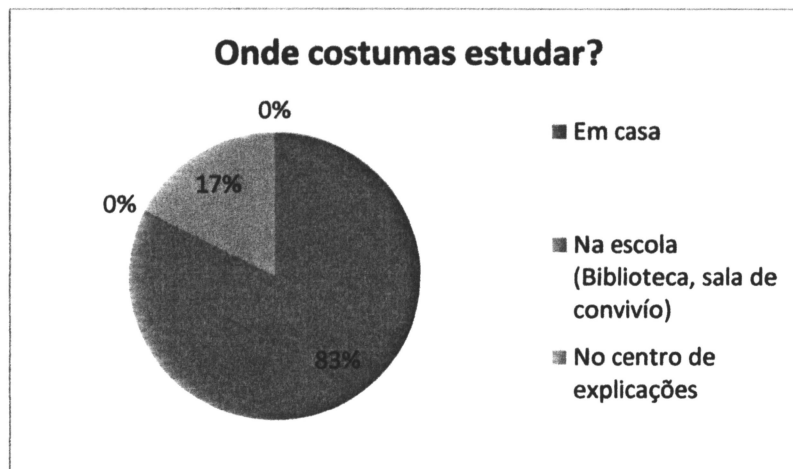


**Gráfico I**

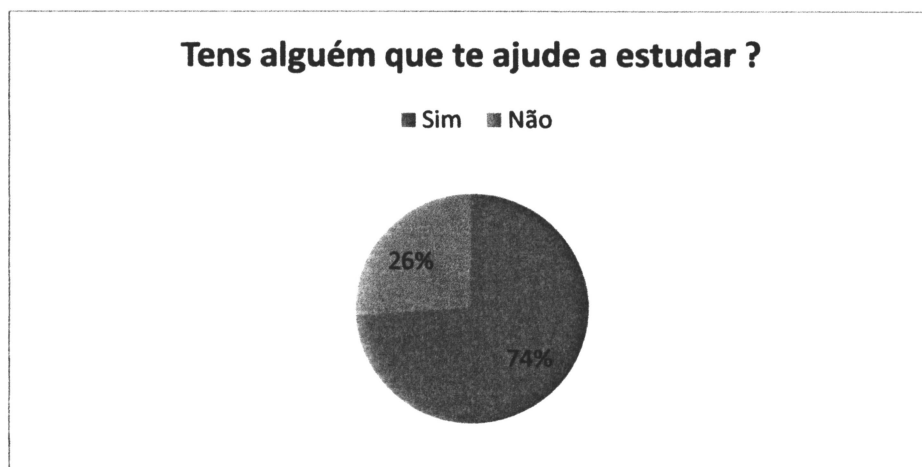
**Como gostas mais de estudar?**



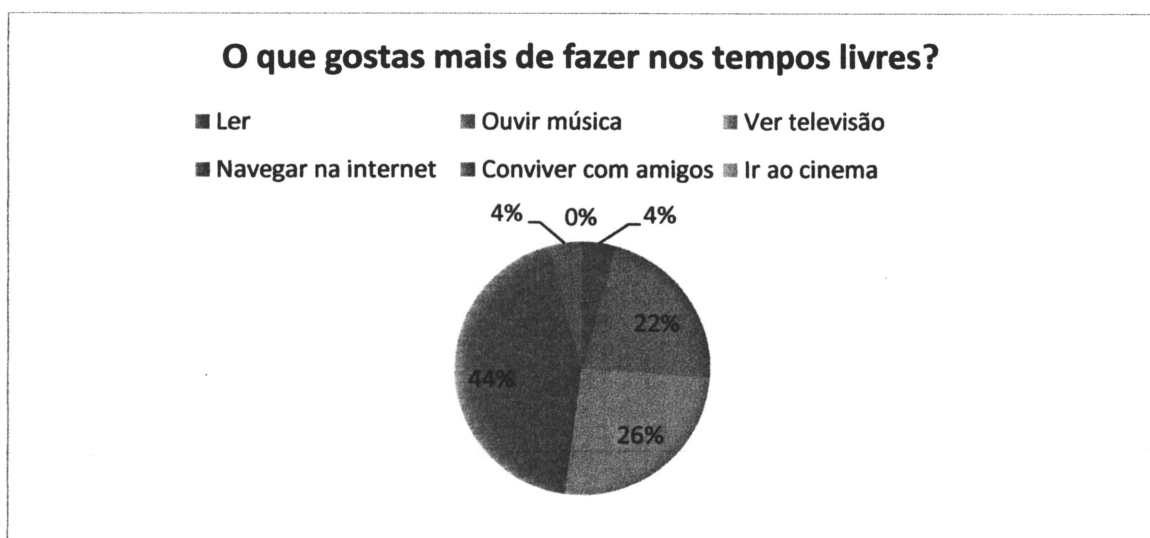
**Gráfico J**



**Gráfico L**



**Gráfico M**





Ano lectivo  
2009/2010

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
Área Disciplinar de Filosofia

Intenção Ética e Norma Moral

Filosofia 10.º ano CT1

9. Março 2010

Querias roubar aquele disco ou aquela peça de roupa numa loja... mas há um vigilante que te observa, ou um sistema de vigilância electrónica, ou tens simplesmente medo de ser apanhado, de ser punido, de ser condenado... Não é honestidade; é calculismo. Não é moral; é precaução. O medo da autoridade é o contrário da virtude, ou é apenas a virtude da prudência. Imagina, pelo contrário, que tens esse anel de que fala Platão, o famoso anel de Gíges, que te torna invisível quando queres... É um anel mágico que um pastor encontrou por acaso. Basta rodar o anel para que a pessoa se torne invisível... Gíges, que era um homem honesto, não soube resistir às tentações a que este anel o submetia. Quem conta a história na *República* conclui que o bom e o mau, ou supostos como tais, não se distinguem senão pela prudência ou pela hipocrisia, ou, dito de outra maneira, pela importância desigual que atribuem ao olhar dos outros ou pela sua maior ou menor habilidade em se esconder... Possuísem um e outro o anel de Gíges e nada os distinguiria: *"tendem ambos para o mesmo fim"*.

Isto é sugerir que a moral não é senão uma ilusão, um engano, um medo disfarçado de virtude. Bastaria podermos tornar-nos invisíveis para que qualquer interdição desaparecesse, e não houvesse senão a procura, por parte de cada um, do seu prazer ou dos seus interesses egoístas. Será isto verdade? Claro que Platão está convencido do contrário. Mas ninguém é obrigado a ser platónico... Para ti, a única resposta válida está em ti mesmo.

Imagina, como experiência de pensamento, que tinhas esse anel. Que farias? Que não farias? Continuarias, por exemplo, a respeitar a propriedade dos outros, a sua intimidade, os seus segredos, a sua liberdade, a sua dignidade, a sua vida?

Ninguém pode responder por ti: esta questão só a ti diz respeito, mas diz respeito a tudo o que tu és. Tudo aquilo que não fazes, mas que te permitirias se fosses invisível, revela menos da moral que da prudência ou da hipocrisia. Em contrapartida, aquilo que, mesmo invisível, continuarias a obrigar-te ou a proibir-te, não por interesse mas por dever, só isso é estritamente moral.

A tua moral? Aquilo que exiges de ti, não em função do olhar dos outros ou desta ou daquela ameaça exterior, mas em nome de uma certa concepção do bem e do mal, do dever e do interdito, do admissível e do inadmissível, enfim, da humanidade e de ti. Concretamente: o conjunto de regras às quais te submeterias mesmo que fosses invisível ou invencível.

Serão muitas regras? Ou serão poucas? Cabe a ti decidir. Não tens o anel?

Isso não te dispensa de reflectir, de julgar, de agir. Só tu sabes o que deves fazer e ninguém pode decidir por ti.

(texto adaptado) COMTE-SPONVILLE, *Apresentações de Filosofia*, Instituto Piaget, pp.19-21

Proposta de actividade:

1. Responde às questões sublinhadas no texto.
2. De acordo com o texto que acabaste de ler, o que é a moral?



ANO LECTIVO  
2009/10

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

Área Disciplinar de Filosofia

Plano de aula

Filosofia 10.º ano CT1

11. Dezembro 2009

Temas/Conteúdos	Objectivos	Estratégias	Recursos	Avaliação	
<p><b>II- A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES</b></p> <p><b>1.2. Determinismo e Liberdade na acção humana.</b></p> <p>Conceitos-chave: <b>condicionantes da acção; livre-arbítrio, determinismo, indeterminismo, determinismo moderado, libertarismo.</b></p>	<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconheça as diferentes condicionantes da acção;</li> <li>- Compreenda o conceito de livre-arbítrio;</li> <li>- Problematize a questão: “Temos livre-arbítrio?”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visionamento de um excerto filmico e sua exploração oral;</li> <li>- Situação de diálogo/debate (Discute-se a noção central de causalidade a partir da problematização do papel causal das condicionantes físico-biológicas e histórico-culturais da acção.);</li> <li>- Actividade de produção escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro e giz;</li> <li>- Computador e projector;</li> <li>- Excerto filmico retirado do site: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=rhOHQRgnvl">http://www.youtube.com/watch?v=rhOHQRgnvl</a>;</li> <li>- Fotocópia com proposta de comentário escrito ao excerto visualizado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação directa na sala de aula: participação e oralidade;</li> <li>- Produção escrita.</li> </ul>	<p><b>90 minutos</b></p>



ANO LECTIVO  
 2009/10

Nome.....Nº.....Turma CT1 ..... Data.../.../...

Duração da prova: 90 min

Docente: Isabel Agostinho

**MATRIZ (síntese)**

A prova é constituída por 3 (três) grupos de itens:

**GRUPO I e II** – testa objectivos de conhecimento, de compreensão e de análise; inclui 2 itens de resposta curta e objectiva;

**GRUPO III** – testa objectivos de síntese e de avaliação; inclui 1 item de resposta extensa e orientada.

**COTAÇÕES:**

**GRUPO I** – 30 pontos x 2 = 60 pontos

**GRUPO II** – 30 pontos x 2 = 60 pontos

**GRUPO III** – 80 pontos x 1 = 80 pontos

**TOTAL DA PROVA** .....200 pontos = 20 valores.

Nos grupos I, II e III:

. 80% da pontuação será atribuída aos conteúdos programáticos expressos;

. 20% da pontuação será atribuída à forma como a resposta estiver estruturada: clareza; correcção na expressão escrita e sequência lógica das ideias.

Lê atentamente todo o enunciado antes de começares a responder e não te esqueças de ter em conta todas as orientações que recolheste nas aulas.

**GRUPO I**

1. *O valor é, se assim quisermos, a ruptura da indiferença pela qual colocamos toda as coisas no mesmo plano e consideramos todas as acções como equivalentes. Talvez a indiferença, como tal, seja impossível. Mas o valor começa quando ela acaba; quando o mundo não é mais, para nós, um simples espectáculo, nem a acção um puro acontecimento; quando nós nos comprometemos nesse espectáculo e tomamos partido em relação a esse conhecimento.*  
 (...) *O valor é uma tomada de posição.*

(Texto adaptado) Louis Lavelle, *Traité des Valeurs*.

1.1. A partir de uma leitura atenta, interpreta a última afirmação do texto.

2. *Se as coisas não são valiosas em si, porque valem? Valem porque eu – como sujeito empírico, individual as desejo e, nesse caso, seria o meu desejo, a minha necessidade ou o meu interesse o que confere às coisas o valor?*

AS. Vázquez, *Ética*

2.1. A propósito da natureza dos valores, identifica e justifica a tese presente no texto.

**GRUPO II**

3. (...) *Explico-me melhor: o pêssego nasce pêssego, o leopardo chega ao mundo já como leopardo, mas o homem de maneira nenhuma nasce já Homem e nunca chegará a sê-lo se os outros nisso não o ajudarem.*

Fernando Savater, *Ética para um Jovem*

3.1. Explica o excerto, tendo em conta a importância da cultura para o Homem.

## Anexo V

4. *Porque não é apenas o interesse que leva os homens a matarem-se mutuamente. É também o dogmatismo. Nada é mais perigoso como a certeza de que se tem razão. Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram cometidos por virtude, em nome da verdadeira religião, do nacionalismo legítimo ou devido à busca da “raça pura”; em suma, em nome do combate contra a verdade do Outro, do combate à cultura do Outro.*

(texto adaptado) François Jacob, *O Jogo dos Possíveis*.

- 4.1. A partir da análise do texto, diz o que se entende por etnocentrismo, referindo, resumidamente, quais as suas principais consequências.

### GRUPO III

5. *A compreensão de uma outra cultura exige uma verdadeira mutação da nossa mentalidade ocidental e um grande esforço de humildade intelectual e de acolhimento. (...) Os não ocidentais podem ajudar-nos a tomar consciência dos limites da nossa visão do mundo.*

Roger Garaudy, *Para um Diálogo de Civilizações*.

- 5.1. Tendo em conta as afirmações de Garaudy, elabora um texto onde problematizes a relação entre os seguintes conceitos:

- Diversidade cultural;
- Relativismo cultural;
- Tolerância;
- Diálogo cultural.

**BOM TRABALHO!**



Ano lectivo  
2009/2010

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
Área Disciplinar de Filosofia

*Os valores - Análise e compreensão da experiência valorativa*  
**Filosofia 10.º ano CT1**

**22.Janeiro 2010**

1- **Considera os exemplos de situações a seguir apresentados**; estes implicam decisões difíceis em termos de valoração. O primeiro reporta um caso de conflito de valores que efectivamente aconteceu, os outros referem situações de conflitos hipotéticas.

a. Há alguns anos, os jornais e as televisões noticiaram o caso de duas gémeas siamesas cujos pais viajaram para a Grã-Bretanha para que as duas filhas pudessem receber tratamento adequado. Após exames, os médicos concluíram que uma das meninas tinha um cérebro rudimentar e dependia da irmã para a manutenção de funções vitais. A situação da outra era consideravelmente melhor. Se não se interviesse, o prognóstico era que as duas morreriam em pouco tempo, na melhor das hipóteses, numa questão de meses. Se as separassem, uma morreria e a outra sobreviveria. Os médicos pretendiam proceder à operação.

Os pais, convictamente religiosos, opunham-se à intervenção com o argumento de que a vida e a morte pertencem a Deus e não cabe ao homem tomar tais decisões.

Os tribunais britânicos decidiram, contra a vontade dos pais, pela intervenção cirúrgica. Esta realizou-se; como estava previsto, uma das gémeas salvou-se e a outra morreu.

b. Supõe um médico que está a tratar dois pacientes: um tem cancro e encontra-se em estado terminal, o outro precisa urgentemente de um transplante de coração e morrerá se não houver um órgão disponível. Constatase que o problema seria resolvido se se transplantasse o coração do doente em estado terminal no outro doente: duas vidas humanas estão em jogo, uma condenada a uma morte que se prevê ocorra em breve, outra susceptível de ser salva, bastando para tal antecipar a morte da primeira. Deve o médico fazer alguma coisa ou deve deixar que os acontecimentos sigam o seu curso normal?

c. Supõe que fazes parte de uma equipa que foi enviada numa missão de salvação de dois astronautas que se encontram presos, em pontos diferentes, numa nave espacial; o oxigénio de que dispõem é escasso e a equipa é colocada perante o seguinte dilema: ou faz alguma coisa, cortando o suprimento de oxigénio a um deles e salva o outro, ou não faz nada e morrem os dois. Como proceder?

d. Supõe que o Presidente dos Estados Unidos foi informado de que um submarino, por um defeito de funcionamento, vai lançar um ataque nuclear que sacrificará milhões de vidas. O único caminho possível para evitar a catástrofe é dar ordem para afundar imediatamente o submarino, sacrificando obviamente a sua tripulação. Que fazer? Ordenar o afundamento? Nada fazer e deixar que os acontecimentos sigam o seu curso?

### **Proposta de trabalho**

- a) O que há de comum aos diferentes exemplos?
- b) Entre b, c e d, qual te parece ser o exemplo que apresenta maior analogia com a? Porquê?
- c) Como procederias em cada um dos casos apresentados?  
Justifica a tua decisão?





## Dia Mundial da Filosofia

***“André de Gouveia convida ... Prof. Ricardo Santos”***

A turma 10.º CT1 tem a honra de o convidar a participar numa conversa com o Professor Ricardo Santos.

Dia 20 de Novembro de 2009 pelas 10h no Anfiteatro.



Comemora-se o Dia Mundial da Filosofia, venham comemorar com a nossa turma!